

Prati, D. no (org). Análise de textos Oraais
São Paulo. Humanitas, 2010 (7ª ed.).

Diana Luz

Pessoa de Barros centra seu ensaio (o sexto do livro) na correção, caracterizando-a e classificando-a em **reparação** e **correção** propriamente dita. A A. passa pelas muitas variações que esses fenôme-

nos apresentam na língua oral. Por último, refere-se aos marcadores e padrões lingüísticos de correção e às funções que a correção representa no ato conversacional.

Página 31₁₀ C. Apresentação da obra

~~29/8 (10ª ed.)~~

16/9 (11ª ed.)

6. PROCEDIMENTOS DE REFORMULAÇÃO: A CORREÇÃO

Diana Luz Pessoa de Barros

Neste capítulo, examina-se um dos procedimentos característicos da língua falada, a correção. Para isso, analisa-se o texto que segue, extraído de uma conversação do material do Projeto NURC/SP:

- 535 L2 H. você escreveu qualquer coisa muito interessante sobre a Marília Medalha e eu perdi essa sua:...o que foi que você disse sobre Marília Medalha o () me disse que era... que estava muito interessante este seu:... esta sua crônica
- L1 é não o que eu disse é o seguinte
- 540 L2 o que que você comentou?
- L1 é é a tal coisa a televisão ahn: ao mesmo tempo que proporciona às vezes ... surpresas Fúteis às vezes proporciona Ótimas não é? ... porque Marília Medalha não costuma ... aparecer muito na televisão ... ch::
- 545 há quem diga que a televisão compõe uma muralha de mediocridade ... que ela paga muito bem ... então as pessoas que estão lá dentro não deixam as de fora entrar ... então muitos artistas escritores ... ahn compositores gostariam de ... de ter acesso à televisão mas ela se fecha
- 550 ... na famosa muralha de mediocridade que agora é um pouco discutível ... e não se abre mas: nesse dia ... eu estava aqui na minha sala ... sintonizei para o canal quatro ... um programa da:... Elizeth Cardoso ...
- 555 *Brasil Som Setenta e Seis* -- eu gosto muito da Elizeth Cardoso -- ... e daí a pouco quem eu vejo Marília

- 560 Medalha ... cantando ... umas músicas lindas ... e
comum a presença extraordinária ... eu acho: ... a
Marília Medalha uma das nossas atrizes MAIS
significativas ... e ela está se dedicando muito à música
popular e SEMpre -- creio -- sempre na carreira dela ela
se dedicou à nossa música ... vocês devem estar lembrados
do sucesso ... ah da interpretação dela de *Ponteio* ... que
foi do: daquele menino
- L2 Ponteio
- 565 L1 do: ... como é que ele chama? do autor do *Ponteio*?
L2 Edu ... Edu Lobo não é?
- L1 Edu Lobo ... Edu Lobo ... que foi premiado
num festival...
- 570 L2 você sabe a história dessa premiação como é que foi?
L1 () eu não estou
- L2 o: ...
- L1 bem lembrada
- L2 o Buarque ...
- L1 Chico Buarque
- 575 L2 o o Buarque queriam dar ... o prêmio para ele ... e ele
brigou e disse
- L1 ahn
- L2 que não aceitaria ... não isso não é fofoca de: de bastidor
mas eu: () você é autêntica ... e ele se negou ele disse
que NÃO receberia se não fosse ... o: ... se não
recebesse TAMBém o *Ponteio*
- 580 L1 o *Ponteio*
L2 e: e: e *Ponteio* é uma música maravilhosa aliás uma coisa
- L1 () música maravilhosa ...
- 585 L2 linda ... () mesmo tempo que foram
- L1 pois é mas aí não há ...
- L2 premiadas as duas não é?
- L1 aí a Marília então ... ahn ... eh cantou lindamente ... e
mais do que cantar eu acho que a Marília tem uma força

- 590 dramática muito grande o que faz (com) que se suponha
nela ... uma atriz dramática que não foi aproveitada ...
e é tão raro ... que o ator nosso tenha esses dois
predicados ... saiba interpretar: ... e tenha uma boa
VOZ: e conhecimentos musicais ... que eu :: disse a ela
- 595 que ela ah ela ainda não se conhecia ela ainda não tinha
se percorrido porque ela ainda poderia ser ... a estrela
de um grande musical ... por causa da força
interpretativa dela ... que não é comum ... não é? nós
temos às vezes grandes cantores popula:res ... mas que
600 não SAbem interpretar às vezes não sabem nem sequer
dizer: ... as palavras se perdem ... ((buzinas)) e ela não
ela: ... ela interpreta magnificamente ...
- L2 é família toda interessante inteligente ela o irmão ...
o irmão é maestro né ?
- 605 L1 (que) acho que não ...
- L2 o irmão ela tem uma irmã que é poetisa
que é muito inteligente também (né?)
- L1 [é mas eu acho
que não l.
- 610 L2 jornalista e poetisa
L1 eu acho que o maestro Júlio Medaglia ele é
Meda-gli-a e ela é Medalha com L e H
- L2 [eu acho que ela modificou
e ele é irmão dela ...
- 615 L1 não não ... ((clique)) parece que não ... eu não POsso
jurar sobre os evangelhos mas me parece que ... ahn:
ela seria Medalha com L e H ...
- L2 [eu acho que ela modificou
seu nome ... ela () nome
620 L1 e ele MeDA-glia
L2 () ... tenho impressão ...
L1 a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma moça
jornalista ...
- L2 poetisa
- 625 L1 poetisa ...

- Doc. e sobre o cinema ... o cinema atual?
 [
- L1 o cinema nacional?
 olha o cinema na/ o atu/ o atual brasileiro eu tenho visto
 muito pouco ... eu vi: o ano passado um filme que me
 630 deixou MUltO impressionada ... porque esse filme ...
 aliás vi dois filmes ... nacionais ((batidas de hora de
 relógio))
- L2 *Rainha Diaba*
 L1 é *A Rainha DiAba* ... que me pareceu assim cem por cento
 635 nacional ... sem nenhuma influência ... de daqueles:
 filmes ... de gangsters americanos né? que era um
 marginal bem NO::sso aquele marginal ((rindo)) pobre
 triste com as ... peculiaridades NOssas do submundo
 nosso ... e aquele tirado da ... do Marques Rebelo
 640 *A Estrela Sobe* ... que eu também achei magnífico ...
 como retrato de uma época ... como justiça que o cinema
 fez a um grande escritor ... que foi Marques Rebelo ...
 então são dois filmes ... foram acho que foram os dois
 únicos filmes nacionais
- [
- 645 L2 vamos esperar *A Muralha* não
 L1 agora vamos ver se vai sair
- [
- L2 se Deus quiser
 L1 *A Muralha* né ?
 L2 é
- 650 L1 vamos ver há tanto tempo prometida
- [
- L2 () Dinah está com::... boas
 esperanças de levar agora *A Muralha*
- [
- L1 mas agora estão dizendo que
 655 estão passando aí um filme muito bom *O Predileto*
 não é? ... você ouviu falar?
- L2 é ()
 L1 diz que é um filme também nesta linha brasileira ... até
 achei graça uma amiga minha disse ... "eu gostei muito
 do filme ... porque ele tem sobretudo ... uma cafonice
 660 bem brasileira ((rindo)) ...
- L2 ah

- L1 retratando determinado mundo" ... eu acho que é muito
 bom ... que o Brasil em literatura pelos seus grandes
 escritores há bastante tempo ... já deixou de ter o seu
 665 cordão umbilical ... preso à Europa ... e:: e todo o::...
 toda a América Latina, já se desprendeu ... desse cordão
 umbilical fazendo uma literatura muito ... da terra muito
 do homem ... nativo ... que é o caso de Gabriel Garcia
 Márquez ... e de tantos outros e aqui: ... no Brasil ...
 670 Jorge Amado e tantos outros ... e:: então agora ...
 no cinema parece também que está havendo essa
 desvinculação ... do figurino europeu do figurino
 americano ... infelizmente há muito também da chamada
 pornochanchada não é?... que é uma maneira comercial
 675 mas o que se pode dizer ... da pornochanchada aqui se
 ela impera na França se ela impera no
- [
- L2 H. ...
 L1 mundo todo
 L2 um belo filme foi *Orfeu do Carnaval*
- 680 L1 foi ... mas esse já é antigo e foi uma co-produção não é?
- [
- L2 já antigo já faz
 muito tempo é
- L1 mas foi uma CO-produção ...
 L2 co-produção () com a Argentina?
- 685 L1 agora você vê: a gente ima/ não não uma co-produção
 francesa ...
 L2 francesa?
 L1 com::
 L2 muito bonito aquele filme
- [
- 690 L1 com o Camus que seria até um parente do
 Albert Camus não é? que era o ... o o ... o diretor do ...
 do *Orfeu do Carnaval* ... agora você vê não teve
 seqüência ... depois então houve um hiAto grande ... com
 más produções ... e agora ... eu acho () éh estamos
 695 vendo ... a tentativa de um cinema ... mais ... expressivo
 do que seja ... do Brasil ... eu tenho confiança nesse
 cinema ...

1. Identificação do texto

Trata-se de um diálogo entre dois informantes do Projeto NURC/SP (Inquérito 333, linhas 534 a 697) (CASTILHO e PRETI, 1987: 234-64). O locutor 1 (L1) é uma mulher, de sessenta anos, viúva, jornalista, paulistana, de pais paulistanos; o locutor 2 (L2), também mulher, de sessenta anos, viúva, escritora, paulistana, de pais paulistanos. Como se vê, os dados relativos às interlocutoras fazem prever um diálogo bem equilibrado, ou melhor, uma conversação simétrica (MARCUSCHI, 1986: 16): têm elas a mesma idade, o mesmo sexo, o mesmo nível cultural e idêntica posição na sociedade. Até as profissões são próximas, ambas relacionadas com a comunicação e o uso da língua. O equilíbrio de papéis na conversação aparece, por exemplo, na escolha dos pronomes de tratamento: uma se dirige a outra com “você”. No entanto, outros elementos mostram um desequilíbrio conversacional que, se não é devido às diferenças de condições socioeconômicas e culturais, explica-se por fatores de estilo e de temperamento na condução do diálogo. Não há dúvida de que a locutora 1, a jornalista, fala bem mais que a escritora, ou seja, conserva seu turno por mais tempo, e dirige, de uma certa forma, a conversação: toma e atribui turnos, controla em geral o assunto, responde sempre em primeiro lugar às perguntas do documentador. Em suma, tem-se uma conversação simétrica quanto aos papéis conversacionais relacionados com o estatuto socioeconômico e cultural das participantes do diálogo, mas assimétrica quanto às características individuais das interlocutoras.

Esse diálogo faz parte de uma pesquisa lingüística, foi gravado por um documentador presente e, por isso, está sujeito a uma série de enviesamentos – caráter mais de entrevista que de conversação, preocupação com o documentador e com o público. Mesmo assim, é um dos diálogos do material do NURC que mais se aproxima do que se convencionou chamar de conversação espontânea ou natural. Em outras palavras, essa conversação tem o caráter mais intimista do diálogo entre “eu e você, aqui e agora”, que parece caracterizar uma conversação espontânea. Isso se deve, sem dúvida, ao fato de que as duas mulheres já se

Análise de textos orais

conheciam e eram amigas de longa data e de que, justamente por terem papéis sociais semelhantes e mais ou menos públicos, se mostram menos preocupadas com o documentador, com a gravação ou com a “entrevista” em si mesma.

É preciso mencionar ainda que o tema do inquérito era o cinema, a televisão, o rádio e o teatro, assuntos a que ambas estavam afeitas e sobre os quais podiam conversar com naturalidade, sem medo de dizer impropriedades. Deve-se ressaltar o vínculo mais estreito da jornalista com o tema, pois atuava como crítica de televisão.

O inquérito é bastante longo (57 minutos, 30 páginas transcritas) e nele o documentador intervém nove vezes, geralmente para garantir que os diferentes aspectos do tema sejam abordados. Sua pergunta no trecho acima mostra, por exemplo, preocupação por passar de uma conversa sobre a televisão para a questão do cinema:

Doc. e sobre o cinema... o cinema atual? (linha 626)

O texto que se vai analisar vem após a segunda intervenção do documentador, inclui sua terceira manifestação e termina com a quarta.

Na primeira intervenção, ele introduz o tópico da televisão; na segunda, como o diálogo acabou por digirir-se mais para o problema da variação sociolingüística na televisão (ver nesta obra, capítulo 9, sobre interação), retoma o assunto:

Doc. e como vocês vêem a evolução da TV? (linha 301)

As interlocutoras discutem, nessa parte, questões relativas à profissionalização da televisão brasileira e, sobretudo, às novelas e às oportunidades que elas oferecem aos artistas nacionais. O trecho em exame inicia-se aí, com a pergunta que a segunda locutora dirige à primeira a respeito de sua crônica sobre Marília Medalha. O texto pode ser dividido em duas partes: a primeira, começada com a pergunta de L2, vai até a intervenção do documentador; a segunda, iniciada com essa manifestação, encerra-se com nova intervenção do documentador, ainda sobre o cinema.

2. Caracterização da correção

Nesse pequeno trecho é possível confirmar o que se disse no início, ou seja, que a correção é uma das características da conversação. Ocorrem nele por volta de trinta e três casos de correção. Veja-se seu início:

- L2 H. você escreveu qualquer coisa muito interessante sobre a Marília Medalha e eu perdi ~~essa sua:...~~ o que foi que você disse sobre a Marília Medalha o () me disse que era... que estava muito interessante ~~este seu:...~~ esta sua crônica

Há aí três correções grifadas: em primeiro lugar, a locutora interrompe o que estava dizendo e corrige a direção da sua fala; no segundo caso, conserta o “era”, substituindo-o por “estava”; no terceiro, corrige “este seu:...” (provavelmente artigo, texto) por “esta sua crônica”.

Compare-se com parte de uma crônica dialogada de Drummond, em que as correções não aparecem (e tampouco outras marcas da fala, como a repetição):

CASAMENTO

A empregada do meu amigo Dorval pediu uma semana de férias para casar.

– Tudo bem – respondeu ele –. Mas você não casou no ano passado?

– Casei, sim, mas o casamento não aprovou. Era só de fim de semana.

– Como assim?

– O Jorge só aparecia lá em casa sábado de noite, passava o domingo com a gente, segunda de manhã se mandava.

– E você agüentou isso um ano, Rosemira?

Análise de textos orais

– Foi trato da gente. O Jorge dizia que casamento sete dias por semana é carrapato nas costas, não tem jeito de tirar. Eu concordei, mas o trato não deu certo.

– Você sentia falta dele nos outros dias, e ele de você, não é?

– Sentir eu sentia, não vou mentir para o senhor. Mas trato é trato, o senhor sabe que eu nunca faltei com a palavra.

– Isso é verdade.

– Eu ficava imaginando como havia de ser bacana ter o Jorge a meu lado toda noite, aquele carinho certo, aquela segurança em Cordovil, e de manhã ver o meu homem preparando o café para mim, antes da gente sair para a luta. Mas não dizia nada. (p. 57-8)

Nesse diálogo entre patrão e empregada, a fala, representada pela escrita, flui sem correções de espécie alguma. Elas não aparecem ou são poucas, na escrita. As razões que explicam a alta frequência de correções na fala, em comparação com a escrita, são também as que diferenciam escrita e fala. Uma das especificidades da fala estaria no modo como se inscreve no tempo ou com ele se relaciona. Em outras palavras, quando se escreve um texto há dois momentos diferentes, o primeiro em que se elabora o texto, o segundo em que ele é efetivamente produzido. Dessa forma, é possível, na escrita, reelaborar o texto sem deixar marcas: revê-se o que se escreveu, volta-se atrás, apagam-se os erros, escondem-se as hesitações, evitam-se as repetições. O texto escrito é o resultado de um trabalho de reescrita, como na crônica de Drummond. Já na fala, isso não acontece, pois elaboração e produção coincidem no eixo temporal. Por conseguinte, as reelaborações que se fizerem necessárias deixarão marcas na fala: uma conversação oferece sempre pistas e traços das revisões, das reformulações, das mudanças de encaminhamento, sob a forma, entre outras, de correções.

A correção é, assim, um procedimento de reelaboração do discurso que visa a consertar seus “erros”. O “erro” deve ser entendido

como uma escolha do falante – lexical, sintática, prosódica, de organização textual ou conversacional – já posta no discurso e que, por razões diversas, ele e/ou seu interlocutor consideram inadequada.

Assim, no texto acima, a segunda locutora formulou o seu discurso como “estava muito interessante este seu:...” e, provavelmente, iria dizer “artigo” ou “texto”. Por algum motivo, quem sabe, a precisão, considerou ruim a escolha feita, mas como já tinha dito “este seu”, prolongou a vogal final de “seu” e fez uma pausa, para ganhar tempo para reformular, e corrigiu sua fala, dizendo “esta sua crônica”.

Pode-se, portanto, definir a correção, entre os atos de linguagem, como um ato de **reformulação textual** (GÜLICH e KOTSCHI, 1987). Os atos de reformulação textual são aqueles que têm por objetivo levar o interlocutor a reconhecer a intenção do locutor, ou seja, procuram garantir a **intercompreensão** na conversação ou em qualquer outro tipo de texto.

Assim, ao reformular “este seu:...” como “esta sua crônica”, a falante espera fazer sua interlocutora perceber sua intenção de precisão e, também, de valorização de seu trabalho no jornal, ao incluí-lo, como crônica, em um gênero situado entre o literário e o jornalístico. Essa possível interpretação da correção sustenta-se no fato de a falante ser uma escritora e defender, em outros momentos do diálogo, o papel do escritor e do poeta.

A paráfrase, examinada no capítulo 5 deste livro, é também um ato de reformulação textual e tem a mesma função de assegurar a intercompreensão. A diferença entre a paráfrase e a correção está na natureza da relação semântica que existe entre o enunciado a ser reformulado e o enunciado reformulador. Examinem-se dois casos do texto:

- 1) que fo/ do:: daquele menino (linhas 562-3)
- 2) L2 e:: e Pontejo é uma música maravilhosa
aliás uma coisa linda... (linhas 583-5)

No primeiro exemplo tem-se um caso de correção: o “do” que deveria anteceder um nome próprio, esquecido, foi corrigido por “daquele

menino”. Há entre o enunciado reformulado “do + nome próprio” e o enunciado reformulador “daquele + nome comum de uso genérico, menino” uma relação de contraste, ou seja, há traços semânticos opostos ou contrários que distinguem o elemento corrigido do corretor: definição, determinação, especificidade *vs* indefinição, indeterminação, generalidade.

No segundo exemplo, o enunciado reformulado “uma música maravilhosa” mantém com sua reformulação “uma coisa linda” relação semântica de equivalência, no caso, parcial. Há entre eles uma grande quantidade de traços semânticos comuns: beleza, intensidade forte, etc. Trata-se de uma paráfrase.

Os exemplos escolhidos mostram também que nem sempre é fácil ou possível distinguir correção e paráfrase. Se, na paráfrase, devem existir traços semânticos comuns, é claro que ocorrerão também traços semânticos diferentes. “Música maravilhosa” e “coisa linda” distinguem-se em vários aspectos, tais como especificidade *vs* generalidade ou grau de intensidade do belo. Da mesma forma, se na correção devem surgir diferenças semânticas, traços comuns existirão para garantir a possibilidade de comparação, de relação. No exemplo acima, tem-se uma série de traços semânticos comuns, como “ser humano” e “sexo masculino”. O fato é que todas as relações semânticas pressupõem semelhanças e diferenças, ou seja, oposições a partir de mesmos eixos semânticos. Como diferenciar assim os atos de reformulação textual? Pela organização mais global da conversação pode-se, na maior parte das vezes, definir se o objetivo da reformulação foi marcar a intenção do locutor com uma diferença de sentido, na correção, ou assinalar essa intenção, por reforço, com a paráfrase. Há, ainda, certas expressões lingüísticas, denominadas marcadores e examinadas em outro capítulo deste livro, que facilitam, muitas vezes, essa determinação: as expressões isto é e aliás, do exemplo citado, marcam em geral a paráfrase, o advérbio não, a correção, como na fala abaixo:

- L1 não não ... parece que não... eu não POSSO jurar
sobre os evangelhos mas me parece que... ah::
ela seria Medalha com L e H... e ele MeDA-glia
(linhas 615-20)

Resta lembrar que nem sempre importa diferenciar a correção da paráfrase. Algumas vezes há casos intermediários em que essa distinção se anula e interessa apenas saber identificar que houve uma reformulação e que, com ela, o locutor procurou obter maior intercompreensão no diálogo. É o caso da reformulação que segue:

L1 eu: disse a ela que ela ah ela ainda não se
conhecia ela ainda não tinha se percorrido (...)
(linhas 594-6)

“Ela ainda não se conhecia” é reformulado por “ela ainda não tinha se percorrido”. Pode-se ver aí tanto uma correção quanto uma paráfrase: há uma relação de diferença, pois a questão não é apenas de conhecimento próprio (“conhecer”), mas de consciência de todas as suas potencialidades (“percorrer”), e também de proximidade semântica, dada pela contigüidade de sentido da metonímia “percorrer-se para conhecer-se”. Escolher, nesse caso, um ou outro caminho não faz avançar o entendimento da conversação. Melhor dizer que há uma reformulação e que se neutralizaram as oposições entre correção e paráfrase.

Em suma, a correção deve ser entendida como um procedimento de reelaboração do discurso, com o fim de torná-lo mais “correto” ou “adequado”, segundo o ponto de vista de um ou de ambos os participantes do diálogo, para, dessa forma, levar o interlocutor a reconhecer a intenção do falante e garantir a intercompreensão na conversação. Em outros termos, tornar o discurso mais “correto” é um meio para assegurar a compreensão no diálogo.

Essa concepção alarga os horizontes da correção. Não se trata mais de pensar apenas na correção de erros gramaticais, mas de considerar o conhecimento das estratégias de correção parte da competência do falante para produzir textos e do ouvinte para compreendê-los. As regras e mecanismos da conversação incluem as atividades de correção.

3. Classificação das atividades de correção

Tendo como critério o modelo da conversação em sistema de turnos de fala (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974), de que se tratou em outros capítulos deste livro, distinguiram-se dois tipos de correção, a **reparação** e a **correção** propriamente dita.

3.1. Reparação

Deve-se entender a reparação como a correção de uma infração conversacional: os interlocutores cometem “erros” no sistema de tomada de turnos, violam as regras da conversação e essas falhas e desobediências são reparadas.

As regras conversacionais estabelecem que deve haver pelo menos uma troca de falante na conversação. Com base nessa regra, pode sofrer reparações, por exemplo, o participante do diálogo que falar o tempo todo e não ceder a palavra aos demais. Assim, no diálogo em exame, a segunda locutora algumas vezes toma a palavra da primeira, em geral com sobreposição de vozes, como um meio de reparar as longas falas da primeira, que, já se disse, domina a conversação:

L1 *retratando determinado mundo"... eu acho que é muito bom... que o Brasil em literatura pelos seus grandes escritores há bastante tempo... já deixou de ter o seu cordão umbilical... preso à Europa... e:: e todo o:... toda a América Latina já se desprende... desse cordão umbilical fazendo uma literatura muito... da terra muito do homem... nativo... que é o caso de Gabriel Garcia Márquez... e de tantos outros e aqui... no Brasil... Jorge Amado e tantos outros... e:: então agora... no cinema parece também que está havendo essa desvinculação... do figurino europeu do figurino americano... infelizmente há muito também da chamada pornochanchada não é?... que é uma maneira comercial mas o que se pode dizer... da pornochanchada aqui se ela impera na França se ela impera no*

L2 *H...*

L1 *mundo todo*

L2 *um belo filme foi Orfeu do Carnaval* (linhas 662-79)

Vê-se com clareza, nas linhas grifadas, a tentativa de reparação de L2, que procura ter vez, após a longa fala de L1.

Há regras de atribuição de turnos na conversação e, segundo uma delas, a de preferência, o falante corrente escolhe o falante seguinte. Nessa conversação, a regra da preferência é, em parte, burlada. Quando o documentador pergunta, sua questão é dirigida às duas interlocutoras, como uma forma de iniciar a conversa. No entanto, é sempre a primeira locutora quem responde, como se o turno lhe tivesse sido atribuído (ver capítulo 9, nesta obra).

- 1) *Doc.* gostaríamos que dessem (...) -
L1 olha I... eu... como você sabe...(...)
(linhas 1-3)
- 2) *Doc.* e como vocês vêm a evolução da TV?
L1 a evolução da TV... eu estou vendo: (...)
(linhas 301-2)
- 3) *Doc.* e sobre o cinema... o cinema atual?
L1 |
o cinema nacional?
olha o cinema na/ o atu/ o atual brasileiro
eu tenho visto (...)
(linhas 626-8)
- 4) *Doc.* e quanto ao teatro?... podriam comentar
alguma coisa?
L1 olha eu costumo dizer: ao (...)
(linhas 808-9)
- 5) *Doc.* (...)... e o que vocês acham que seria uma
televisão ideal numa comunidade como São Paulo?
L1 olha eu acho que a televisão (...)
(linhas 907-10)
- 6) *Doc.* vocês acham então que o noticiário em TV tem
melhorado bastante?
L1 |

Análise de textos orais

tem pode melhorar mais...(...)
(linhas 988-90)

- 7) *Doc.* e problemas como o Sílvio Santos como vocês
entendem?
L1 o problema do Sílvio Santos é (...)
(linhas 1068-9)
- 8) *Doc.* (...) ... e só para terminar vocês acham que
no futuro a TV vai realmente sobrepujar o
cinema?
L1 olha... eu não digo (...)
(linhas 1188-91)

Em duas das questões (3 e 6), L1 começa mesmo a responder antes de o documentador ter terminado a pergunta. Tanto é assim, que, na sua última intervenção, o documentador procura reparar a infração de L1 que responde sempre às questões propostas às duas. Depois de uma longa fala de L1, que L2 tentara, por duas vezes, interromper sem sucesso, o documentador dirige de novo sua questão única e diretamente a L2:

Doc. e a dona I. também...
L2 ah sim naturalmente nem há nem há dúvida...nem há
dúvida
(linhas 1215-7)

Outra regra da conversação constantemente desobedecida e reparada é a de que, em qualquer turno, fala um de cada vez. Na conversação em exame, há várias sobreposições de vozes, na maioria das vezes provocadas pela primeira locutora que, como se viu, desequilibra e domina a conversação. Essas sobreposições são reparadas apenas de modo implícito e, mesmo assim, as reparações não são muito freqüentes: a segunda locutora insiste, muito raramente, na sua vez, heterorreparando a falta da outra; a primeira locutora desiste da fala que tomou e realiza uma auto-reparação, também pouco comum pelas razões de traços de personalidade assinalados.

Além disso, o participante do diálogo que assalta o turno, isto é, que toma a palavra sem que a vez lhe tenha sido atribuída, geralmente com sobreposição de vozes, pode igualmente sofrer reparação ou reparar ele próprio a infração cometida. Vejam-se no texto as linhas 583-8:

- L2 e:: e *Ponteio* é uma música maravilhosa
aliás uma coisa [() música maravilhosa...
L1 [() mesmo tempo que foram
L2 linda... [()
L1 pois é mas aí não há ...
L2 premiadas as duas não é?
L1 aí a *Marília* então... ahn... eh
cantou lindamente... e (...)

A primeira locutora estava falando de sua crônica sobre a *Marília Medalha*, foi interrompida pela segunda locutora que contou a história da premiação de *Ponteio*. No trecho citado acima, L1 está tentando reparar a falta de L2, retomando a fala. Ela começa dizendo “aí a *Marília*”, seguindo-se uma série de elementos que lhe dão o tempo necessário para o prosseguimento de seu discurso (“então” pausa “ahn” pausa “eh”), pois até o momento sua fala tivera por objetivo apenas a recuperação do turno.

Três observações devem ser feitas depois dos casos apontados. A primeira delas refere-se ao fato de ocorrerem auto e heterorreparações, ou seja, o próprio falante repara suas falhas ou elas são consertadas pelo interlocutor. Essa questão será retomada quando forem apresentadas as correções propriamente ditas.

A segunda observação é a de que, nesse diálogo, as reparações são sempre indiretas ou implícitas, isto é, aparecem sob a forma de tomada ou de devolução de turno, de sobreposição de voz, de manutenção da voz ou de formulação de novas perguntas. Não há reparações diretas em que o falante, de quem tomaram a vez, retruque, por exemplo, algo como “era eu quem estava com a palavra” ou “como eu dizia, antes de ser interrompido” ou ainda “não lhe dei a palavra”. Tampouco aquele que interrompeu o outro diz “desculpe-me, você estava falando”, em um caso claro de auto-reparação.

Tais fatos se devem ao que se poderia considerar uma terceira observação, a de que a reparação está diretamente ligada à organização da conversação. A organização da conversação varia segundo variem as culturas ou os grupos e os tipos de conversação dentro de uma mesma cultura. As regras mudam e, com elas, as infrações cometidas e os mecanismos de reparação. O diálogo em exame aproxima-se do modelo de uma conversação espontânea, mais interativa, pelas razões já apontadas de equilíbrio de papéis sociais e de intimidade entre as interlocutoras. Mesmo assim, certas características do diálogo o afastam de uma conversação natural, tais como a presença do documentador que faz que os informantes não falem apenas um com o outro, mas se dirijam também ao documentador que grava a conversa e àqueles que examinarão o material registrado. Com isso, os participantes dos diálogos estão, muitas vezes, mais preocupados com o documentador e analistas do que com seus interlocutores. O diálogo perde grande parte de seus traços polêmicos, diminui a agressividade, afrouxam-se os laços entre os sujeitos.

Explica-se, dessa forma, a ausência de reparações diretas na conversação em exame. Embora as interlocutoras sejam falantes seguras de seus papéis e posições e se conheçam bastante bem, não estando, portanto, particularmente preocupadas com o “público”, não há como negar um certo desvio na conversação em que se alarga a circulação do dizer e se afrouxam as relações interativas. Além disso, outras razões justificam a falta de reparações e podem ser encontradas no fato de que escritora e jornalista falam realmente “bem” e conhecem as regras da conversação.

O exame dos procedimentos de reparação está, pode-se notar, intimamente ligado ao estudo da organização do diálogo, pois tais mecanismos variam em função dos tipos de texto, das regras conversacionais e do modelo cultural.

3.2. Correção

As correções que não se aplicam a infrações às regras conversacionais são denominadas correções propriamente ditas ou simplesmente correções. A elas aplica-se a definição genérica de correção como um

ato de reformulação, cujo objetivo, ao consertar “erros” e inadequações, é assegurar a intercompreensão no diálogo.

Os exemplos que seguem mostram algumas correções no texto:

- a) L2 eu acho que ela modificou
e ele é irmão dela...
- L1 não não... ((clique)) parece que não... eu não
POsso jurar sobre os evangelhos mas me parece
que... ahn:: ela seria Medalha com L e H... e
de MeDA-glia

(linhas 615-8)

- b) L1 (...) já deixou de ter o seu
cordão umbilical... preso à Europa ... e:: e
todo o::... toda a América Latina já se
desprende...desse cordão umbilical fazendo uma
literatura muito... (...)

(linhas 664-7)

Nos dois casos já se pode perceber que há diferentes tipos de correção. Uma diferença facilmente notada é que, no exemplo a, L1 corrige L2; no exemplo b, a primeira locutora se corrige. Em a, tem-se uma heterocorreção, em que o falante comete o “erro” e seu interlocutor o corrige: L2 afirma ou “acha” que Júlio Medaglia é irmão de Marília Medaglia; L1 nega o fato (“não... parece que não”) e afirma o contrário (“me parece que ... ahn:: ela seria Medalha com L e H e ele MeDAglia”). Em b, há uma autocorreção, em que o próprio falante se corrige: ela conserta “e todo o::”, quem sabe, país, continente, por “toda a América Latina”.

As heterocorreções são bem menos frequentes que as autocorreções no texto em exame. Há seis casos de heterocorreções e 27 de autocorreções. Essa parece ser a regra geral (SCHEGLOFF, JEFFERSON e SACKS, 1977; MARCUSCHI, 1986; GÜLICH e KOTSCHI, 1957; BARROS e MELO, 1990; BARROS, 1990) e a preferência pela autocorreção pode ser explicada pelo fato de o falante procurar corrigir-se rapidamente na conversação, para evitar as conseqüências do erro.

As heterocorreções caracterizam conversações fortemente polêmicas ou cooperativas, em que os laços interativos são tensos. Não é o

caso, como se viu, dos diálogos do NURC, marcados por interação fraca. Este diálogo, porém, por ser mais simétrico, com papéis sociais equilibrados e interlocutores que se conhecem bastante, como já se mencionou, aproxima-se mais do modelo de uma conversação natural e apresenta, portanto, mais casos de heterocorreções que os demais inquiridos. Veja-se, por exemplo, a longa seqüência de heterocorreções a respeito do parentesco entre o maestro e a artista.

Nessa seqüência há, além do caso acima citado, outra heterocorreção:

- L1 a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma
moça jornalista...
- L2 poetisa
- L1 poetisa...

(linhas 622-5)

L2, que já afirmara acima que a irmã de Marília é jornalista e poetisa, corrige L1, que insiste em dizê-la jornalista. L1 aceita a correção e autocorrige-se, repetindo “poetisa”.

No diálogo em exame nem sempre o falante corrigido aceita a correção, como ocorreu no exemplo acima. Veja-se o caso que se segue:

- L2 o Buarque...
- L1 Chico Buarque
- L2 o o Buarque queriam dar... o prêmio para ele...
e ele (...)

(linhas 573-5)

L1 corrigiu L2, substituindo “o Buarque” pela escolha mais precisa de “Chico Buarque”, mas L2 insistiu e manteve, apesar da hesitação inicial, “o o Buarque”.

Resta lembrar, ainda, sobre as heterocorreções, que, como se esperava, as heterocorreções são, em geral, efetuadas pela primeira locutora, a jornalista, que domina a conversação. A única reação da segunda locutora é teimar um pouco, como no exemplo do Chico Buarque.

Pode-se incluir também, entre as heterocorreções, um recurso linguístico que não é exatamente uma correção, mas dela se aproxima. Trata-se da negação polêmica (DUCROT, 1973), tampouco muito frequente nesta conversação:

L2 *que não aceitaria... não isso não é fofoca de: de
bastidor mas eu: () você é autêntica... (...)*
(linhas 578-9)

O falante corrige uma voz subentendida (em outros casos, pressuposta), que se identifica com o público, com o senso comum e que afirma, no exemplo acima, de modo implícito, que essa história da premiação de Ponteiro é fofoca de bastidor.

As demais correções são autocorreções que, por sua vez, podem acontecer no mesmo turno em que o “erro” é cometido ou em outros turnos. São mais comuns as autocorreções no mesmo turno e, em geral, na mesma frase, pois a pressa em corrigir-se é garantia de correção “em tempo” (JEFFERSON, 1974) e o falante procura não perder a oportunidade de reparar um erro (MARCUSCHI, 1986). Na conversação em exame não há autocorreções em turnos diferentes, devido a esses motivos gerais e também ao desequilíbrio do diálogo já repetidas vezes mencionado. L1 retém o turno por mais tempo, responde às perguntas do documentador, geralmente inicia ou conclui tópicos e utiliza, por conseguinte, com maior frequência a correção: são dezenove autocorreções de L1 para oito de L2. Como fala mais, “erra” mais; como domina a conversação, aproveita melhor a atividade verbal de correção para seus objetivos comunicativos. Há pouca ocasião, portanto, para correções em turnos diferentes.

Os dois casos de correção, a e b, anteriormente apresentados, não se distinguiram apenas por terem diferentes sujeitos que corrigem (uma hetero e uma autocorreção, respectivamente), mas também pela gradação da relação semântica que liga o elemento corretor ao elemento corrigido. Em a, nega-se o “erro” (“não não... parece que não”) e afirma-se o “correto” (“me parece que ela seria Medalha com L e H e ele MeDAglia”). Trata-se de correção total. Já em b, tem-se uma forma

atenuada de correção, em que não se nega o elemento anterior e apenas se amplia ou restringe, semanticamente, o termo corrigido: de “todo o: (país, continente)” para “toda a América Latina”. Nesse caso, a correção, é **parcial** e confunde-se, muitas vezes, com a paráfrase.

Há no texto pouquíssimas correções totais e todas elas são heterocorreções. A opção pela correção total mostra que o falante procura assinalar fortemente o ato de correção e o erro a ser corrigido. No texto, isso só acontece quando o falante corrige seu interlocutor. Vejam-se as linhas 578-9, 615-20 e 685-6.

Falta mencionar que o elemento corrigido pode estar verbalizado, tanto total quanto parcialmente, ou apenas projetado:

L2 (...) me
disse que era... que estava muito interessante
este seu:... esta sua crônica (linhas 536-8)

No trecho acima, há duas correções. Na primeira, o elemento corrigido “era” está verbalizado e é substituído por “estava”, “consertando-se”, assim, o aspecto, de durativo para pontual, ou seja, substitui-se o traço aspectual **durativo**, expresso lexicalmente pelo verbo **ser**, pelo traço **pontual** ou **transitório**, manifestado pelo verbo **estar**. Observe-se ainda que não se trata do aspecto durativo do imperfeito, presente nos dois casos, em “era” e “estava”. Na segunda correção, o elemento corrigido foi apenas projetado nos seus determinantes “este seu: (artigo, texto)”, antes de ser substituído por “esta sua crônica”.

Um exemplo de correção de elemento parcialmente verbalizado encontra-se em “... que fo/do: daquele menino”, com a interrupção lexical e sintática de “fo/”, corrigido por “do”. A correção de “do:” por “daquele menino” é um caso de correção de elemento apenas projetado.

4. Tipos de erros

Os mecanismos de correção propriamente dita são empregados para sanar “erros” diferentes. No texto em exame não há casos de corre-

ção de erros fonético-fonológicos (de pronúncia, por exemplo) ou morfossintáticos (erros de gramática normativa, entre outros). Duas locutoras habituadas ao trato com a língua e a falar em público vacilam pouco na “boa” pronúncia das palavras ou na concordância e regência verbal. Podem, quem sabe, ser consideradas correções morfológicas as mudanças de aspecto ou de tempo em “disse que era... que estava muito interessante” (p. 247, linha 537) (do aspecto durativo para o pontual) ou em “então são dois filmes... foram acho que foram os dois únicos filmes nacionais” (p. 250, linhas 643-4) (do presente para o passado).

Excetuados esses poucos casos, as correções do texto aplicam-se a “erros” semântico-pragmáticos, que devem ser entendidos tanto como impropriedades de informação quanto como imprecisões nas expressões de sentimentos e opiniões dos interlocutores:

- a) L1 a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma moça jornalista...
L2 poetisa
(linhas 622-4)
- b) L1 (...) eu vi: o ano passado um filme que me deixou MUito impressionada... porque esse filme... aliás vi dois filmes... nacionais
(linhas 629-31)
- c) L2 (...) e ele se negou ele disse que NÃO receberia se não fosse... ou... se não recebesse TAMBÉM o Ponteio
(linhas 579-81)
- d) L1 (...) e ela está se dedicando muito à música popular e SEMpre - - creio - - sempre na carreira dela ela se dedicou à nossa música...
(linhas 559-61)
- e) L1 não não... parece que não... eu não POSSo jurar sobre os evangelhos mas me parece que... ah::(...)
(linhas 615-6)

As impropriedades de informação são em geral resolvidas por meio de novas escolhas lexicais, como no exemplo a, ou graças a alterações de direção da conversação, como nos trechos grifados em b e c. Já nos exemplos d e e, as correções dizem respeito à relação entre os falantes, à expressão de seus sentimentos e opiniões e ocorrem pela introdução de “creio”, em d, e de “parece que não... eu não POSSo jurar sobre os evangelhos”, em e.

A grande frequência de correções semântico-pragmáticas reforça a idéia de que a intercompreensão é o objetivo fundamental da atividade de correção, seja a compreensão de conteúdos informativos, como em a, b e c, seja, principalmente, a compreensão das intenções do falante, em d e e.

5. Marcadores e padrões lingüísticos de correção

Há, sem dúvida, procedimentos lingüísticos que são utilizados nas atividades de correção, entre outras, e que constituem um padrão. Observem-se algumas situações:

- a) L2 (...) e eu perdi essa sua::: o que foi que(...)
(linhas 535-6)
- b) L2 (...) me disse que era... que estava (...)
(linhas 537)
- c) L2 () este seu::esta sua crônica
(linhas 537-8)
- d) L1 (...) fo/ do:: daquele menino
(linhas 562-3)
- e) L1 (...) que fo/do:: daquele menino
(linhas 562-3)
- f) L1 do:: como é que ele chama?
(linha 565)
- g) L2 Edu... Edu Lobo não é?
(linha 566)

- h) L2 que não aceitaria... não isso não é fofoca (...)
(linha 578)
- i) L2 (...) se não fosse... se não recebesse (...)
(linhas 580-1)
- j) L1 não não... parece que não (...)
(linha 615)
- l) L1 olha o cinema na/o atu/o atual brasileiro (...)
(linha 628)
- m) L1 (...) porque esse filme... aliás vi dois filmes (...)
(linhas 630-1)
- n) L1 (...) e aquele tirado da... do Marques Rebelo (...)
(linha 639)
- o) L1 (...) então são dois filmes... foram acho que foram (...)
(linha 643)
- p) L1 (...) e: todo o... toda a América Latina (...)
(linhas 665-6)
- q) L1 agora você vê: a gente ima/não não não uma
co-produção francesa...
(linhas 685-6)
- r) L1 (...) do que seja... do Brasil (...)
(linha 696)

Estão grifadas as ocorrências que ilustram os mecanismos utilizados. É fácil perceber que a pausa ... aparece em quase todos, sozinha (b, g, h, j, m, n, o, p), ou acompanhada de prolongamento de vogais (grafado: (a, c, f, i, p), entre o "erro" e sua correção. O prolongamento de vogais também ocorre sozinho, na mesma posição, em e. Além desses recursos prosódicos outros são utilizados, como a interrupção lexical, sozinha, em d e q, e seguida da repetição, em l.

Todos esses procedimentos assumem papel na produção do falante: marcam suas dúvidas ou dificuldades em relação ao prosseguir

mento do discurso e, sobretudo, asseguram-lhe o tempo necessário à reformulação.

Assinalam também a correção certas expressões verbais como o não, em h e q e o aliás, em m. Esses marcadores de correção têm, por sua vez, a função de fornecer pistas para que o interlocutor perceba a correção e, por meio dela, a intenção do falante. Em outras palavras, são marcadores que assumem papel na interpretação de uma conversação.

Há correções que não empregam procedimentos de produção (pausas, repetições, prolongamentos, interrupções), nem marcadores da interpretação, mas são bem menos frequentes no diálogo:

- s) (...) foram acho que foram os dois
(linha 643)
- t) L1 (...) e ela está se dedicando muito à música
popular e SEMpre -- creio -- sempre na carreira
dela ela se dedicou à nossa música
(linhas 559-61)
- u) L1 (...) que eu: disse a ela que ela ah ela ainda
não se conhecia ela ainda não tinha se percorrido
porque (...)
(linhas 681-2)
- v) L2 já antigo já faz muito tempo é
(linhas 681-2)

A ausência de marcadores de quaisquer tipos caracteriza, em geral, certas classes de correções: as que visam apenas a precisar as opiniões e sentimentos do falante, como em s e t; as que se aproximam da paráfrase ou com ela se confundem, como em u e v, pois mais que corrigir, vêm elas reforçar a intenção do locutor. São, em ambos os casos, o que se poderia considerar correções atenuadas.

6. Funções da correção

Desde o início deste capítulo definiu-se a função geral da atividade de correção como a de assegurar a boa compreensão entre os participantes da conversação, pela reformulação de “inadequações” e “erros”, de diferentes tipos ou níveis. Pode-se, agora, especificar a noção ampla de intercompreensão.

Quando L2 corrige “Edu” por “Edu Lobo” (linha 565) ou quando L1 corrige “porque esse filme...” por “aliás vi dois filmes... nacionais” (linhas 630-1) ou conserta “todo o:” com “toda a América Latina”, as correções têm por objetivo a adequação informativa, a precisão referencial. Nesses casos, o falante que corrige procura levar o ouvinte a bem compreender suas informações “objetivas”.

Já na longa fala de L1, no início (linha 541 e seguintes), há duas correções em que a locutora está interessada em assegurar a boa compreensão de suas opiniões e sentimentos ou mesmo em enfatizar seu papel social de crítica de televisão. Assim, interrompe suas considerações sobre Marília Medaglia e afirma “eu gosto muito de Elizeth Cardoso” (linhas 554-5) ou reformula seu discurso pela introdução de “creio”. Da mesma forma, L1 altera as perspectivas modais de sua fala graças à inserção de “acho que” (“foram acho que foram os dois... (p. 250, linha 643)) ou de “parece que” (“não não... parece que não” (p. 249, linha 616)). Os objetivos da correção, nesses casos, não são mais informativos, e sim enunciativos ou pragmáticos. As funções enunciativas ou pragmáticas garantem, na conversação, como se verificou, a compreensão das opiniões, crenças e sentimentos do locutor e o reconhecimento de seu papel social.

Reformulações que visem ao reconhecimento da posição social do falante, pela adequação à norma culta ou aos registros sociolinguísticos do “bem falar”, não ocorrem no diálogo em exame. As razões foram já apontadas: as interlocutoras são duas senhoras que, dificilmente, escapam às normas do registro culto padrão, mesmo em fala coloquial menos tensa. Basta observar, no diálogo, a preocupação delas com a linguagem, até nas escolhas temáticas. Fala-se de boas e de más

pronúncias, no início da conversação (ver capítulo 9) e, no trecho em estudo, da grafia correta de Medaglia e Medaglia.

Além das funções informativas e pragmáticas, acima referidas, as correções têm, praticamente todas elas, objetivos interacionais. Em outras palavras, empregam-se as correções para a obtenção de cooperação e de participação na conversação e para o estabelecimento de relações de envolvimento emocional.

Veja-se a heterocorreção que segue:

L2	o Buarque ...
L1	Chico Buarque

(linhas 573-4)

em que L1, ao completar o nome de Chico Buarque, dito por L2, consegue reintroduzir-se no diálogo.

Ao corrigir e, principalmente, ao corrigir seu interlocutor, o falante encontra, muitas vezes, uma forma de participar da conversação ou de cooperar para o seu andamento, pois, para reformulá-la, repete ou retoma a contribuição do outro e, desse modo, se introduz na conversa e contribui para desenvolvê-la.

Mesmo a mais violenta correção, por ter esse caráter de retomada, é sempre, da mesma forma que a repetição (TANNEN, 1985, 1986), um meio de compartilhar o discurso. Deve-se entender por compartilhar não só a cooperação acima apontada, mas também o envolvimento emocional que se cria entre os participantes da conversação. Em outras palavras, com a correção mostra-se atenção e interesse pela fala do interlocutor, mesmo que dela se discorde.

No primeiro turno do texto, L2 corrige-se três vezes. Essas correções têm, sem dúvida, objetivos informativos de busca de precisão ou de adequação referencial, na substituição, por exemplo, de “este seu (artigo, texto)” por “esta sua crônica” ou na do aspecto durativo de “era” pelo pontual de “estava”. Observa-se, no entanto, que, mais que objetivos de boa compreensão cognitivo-informativa, as correções acima procuram estabelecer laços interacionais, mais especificamente, laços de envolvimento intersubjetivo ou emocional. L2 mostra, por

exemplo, com as correções, e não com elogios fáceis, que valoriza o trabalho da amiga, ao lhe atribuir o estatuto quase literário da crônica. Criam-se ou mantêm-se laços de afinidade e de familiaridade.

O sentimento de familiaridade é um dos efeitos de conversações ricas em correção. Corrigir é fazer passar, entre outras, uma “metamensagem de envolvimento pessoal” (TANNEN, 1986). Há um bom exemplo nas linhas 622-5:

- L1 a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma
moça jornalista...
L2 poetisa
L1 poetisa...

L2, a escritora, já dissera, um pouco antes, que a irmã de Marília Medalha era poetisa e jornalista, com ênfase no ser poetisa (“ela tem uma irmã que é poetisa que é muito inteligente também (né?) jornalista e poetisa”). Dessa forma, quando L1 afirma que a moça é jornalista, L2 corrige e L1 repete a correção, aceitando-a e reconhecendo o caráter cooperativo dessa correção.

Já na correção anteriormente citada do nome de Chico Buarque, não há aceitação da correção:

- L2 o Buarque...
L1 Chico Buarque
L2 o o Buarque queriam dar... (...)

L2 mantém “o Buarque”. Esse fato parece indicar que L2 sabe que L1 lhe deixa pouco espaço na conversação e também que, por isso mesmo, não considera a reformulação proposta por L1 uma tentativa de cooperação e sim como mais uma forma de intromissão.

Observa-se, com isso, que a relação de interação resultante das atividades de correção inclui os dois aspectos das relações intersubjetivas, o do contrato, da cooperação e o da polêmica, do desacordo.

Dessa forma, mesmo em um diálogo claramente cooperativo como este, em que várias vezes uma locutora repete ou retoma a fala da

outra, para passar uma “metamensagem de afinidade e de familiaridade”, o ato de corrigir e, sobretudo, de corrigir o outro, é uma forma de exercer controle sobre o parceiro, de mostrar saber e poder, de brigar pela direção da conversação, de acentuar as diferenças e discordâncias entre os interlocutores. Esses traços polêmicos aparecem mais acentuadamente nos momentos em que cada locutor procura bem impressionar o documentador ou em que quer assumir a vez na conversação. Examinaram-se já vários casos. O mais marcado pela polêmica é a longa sequência de heterocorreções, com vozes sobrepostas, sobre um possível parentesco entre Marília Medalha e Júlio Medaglia (linhas 603-21). L2 afirma o parentesco, L1 corrige L2 e L2 insiste no fato (no “erro”). Uma vez mais L2, como uma débil reação à dominação conversacional de L1, persiste em suas afirmações, mesmo quando corrigida.

7. Algumas conclusões

Neste capítulo examinou-se um diálogo do Projeto NURC/SP, a partir dos procedimentos de correção nele encontrados. Foram considerados, para a análise, os seguintes tipos de correção:

A) reparação:

- a) auto-reparação e heterorreparação;
- b) reparação direta e indireta;

B) correção propriamente dita:

- a) autocorreção e heterocorreção;
- b) autocorreção no mesmo turno e em turnos diferentes;
- c) correção total e correção parcial;
- d) correção com o elemento corrigido totalmente verbalizado, parcialmente verbalizado ou apenas projetado;
- e) correção de “erro” fonético-fonológico, morfossintático e semântico-pragmático;

- f) correção com marcadores e sem marcadores;
- g) correção com função informativa, pragmática e interacional.

Outros tipos de correção podem ocorrer em textos diferentes. São essas, porém, as grandes classes que organizam os atos e estratégias de correção na conversação.

O exame principalmente das funções de correção e de reparação no diálogo do NURC veio comprovar, como já fora apresentado no início do capítulo, que o conhecimento das estratégias de correção faz parte da competência necessária à produção e interpretação de textos. As relações entre as interlocutoras organizam-se segundo a presença ou ausência de correções e de reparações e segundo o tipo delas: há momentos de aproximação e afetividade, outros de cooperação na conversação, outros ainda de disputa de vez e de voz.

Apresenta-se a seguir o esqueleto da conversação, decorrente das atividades de correção. O exame de outros procedimentos, como a paráfrase ou a repetição, viria reforçar ou completar o arranjo das relações intersubjetivas.

O texto começa com a fala de L2 que mostra, pelas correções já examinadas, interesse em interagir: elogia, passa uma mensagem de afinidade. Na longa fala de L1 que segue, a locutora assinala sua perspectiva, seus sentimentos, seu modo de ver e de pensar, nas correções pragmáticas. Ainda nesse turno, há correções devidas a falhas de memória (PRETI, 1991). Em seguida, L2 volta à conversação com a história da premiação de **Ponteio**, interrompendo L1. L1 procura, então, reaver a vez corrigindo L2 (o nome de Chico Buarque), mas L2 "bate o pé" e não aceita a correção. Finalmente, L1 retoma o turno (linha 588) e efetua correções, sobretudo, parciais, que se aproximam da paráfrase e servem para reforçar suas intenções. L2 interfere com a questão do parentesco entre **Marília Medalha** e **Júlio Medaglia**, a que seguem as heterocorreções mais polêmicas da conversação, com L1 corrigindo e L2 insistindo. O diálogo prossegue quando L1 passa a falar da irmã de

Marília Medalha e, dessa vez, é L2 quem corrige L1 (a correção de "jornalista" por "poetisa"). Como era esperado pelas características de L1, mais segura, L1 aceita a correção. Termina aí a primeira parte do texto.

Na segunda parte, L1 responde à pergunta do documentador, embora ela não lhe tenha sido diretamente endereçada. Seguem-se duas autocorreções de L1, de tipo cognitivo-informativo, que deixam bem esclarecidas quais são as idéias da locutora sobre o atual cinema brasileiro, e uma correção pragmática que confirma suas crenças e convicções (linha 643). Há depois uma grande seqüência (p. 250), com poucas correções, em que se alternam e se sobrepõem vozes, que se repetem e concordam entre si. É a fase mais cooperativa do texto em exame. Para terminar o diálogo, encontra-se uma heterocorreção, em que L1 se interrompe apenas para corrigir L2 (linha 685), seguida de uma fala de L1 em que, uma vez mais, a locutora precisa suas opiniões.

Podem ser observados nesse esquema os papéis interacionais assumidos pelas interlocutoras e que foram sendo delineados no decorrer da análise: o domínio de L1, o bom uso que faz das correções, sobretudo pragmáticas, e também como recurso para recuperar a vez, a insistência de L2 e assim por diante.

Finalmente, é possível ainda concluir que, se a atividade de correção produz efeitos de relacionamento afetivo e emocional, esses procedimentos e seus efeitos têm, por sua vez, papel na organização geral do texto, na construção de seus sentidos. Funcionam eles como mecanismos de persuasão que deverão ser interpretados. Produtora de efeitos de proximidade emocional, produtora de uma rede de relações intersubjetivas, a correção pertence ao rol de recursos argumentativos e persuasivos empregados no texto. Em outras palavras, os procedimentos de correção criam no texto efeitos de verdade e, como tal, fazem parte de sua organização persuasivo-argumentativa e de sua estruturação geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boca de Luar*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- BARROS, Diana L. P. de. Procedimentos e funções da correção na entrevista. *Anais do XI Congresso da ALFAL*. Campinas, 1990.
- BARROS, Diana L. P. de e MELO, Zilda M. Z. C. Procedimentos e funções da correção na conversação. In: PRETI, Dino (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/ Fapesp, 1990, v. IV – Estudos.
- CASTILHO, A. T. de; PRETI, Dino (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz: Fapesp, 1987, v. II – Diálogos entre dois informantes.
- DUCROT, Oswald. *La preuve et le dire*. Paris: Marne, 1973.
- GREIMAS, A. J. e COURTES, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- GÜLICH, Elisabeth e KOTSCHI, Thomas. Les actes de reformulation dans la consultation. La dame de Caluire. In: BANGE, P. (Org.). *L'analyse des interactions verbales. La Dame de Caluire: une consultation*. Actes du Colloque tenu à L'Université Lyon 2, du 13 au 15 décembre 1985: Berna, 1987.
- JEFFERSON, Gail. Error correction as an interactional resource. *Language in society* 2: 181: 199, 1974.
- MARCUSCHI, L. Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)
- PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation. *Language* 50: 696-735, 1974.
- _____. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language* 53: 361-82, 1977.
- TANNEN, Deborah. *Repetition and variation as spontaneous formulaicity in conversation*. Georgetown University, 1985, mimeo.
- _____. *Ordinary conversation and literary discourse coherence and the poetics of repetition*. Georgetown University, 1986, mimeo.

7. O LÉXICO NA LÍNGUA FALADA

Ieda Maria Alves

Introdução

Exporemos, neste trabalho, algumas considerações a respeito das características apresentadas pelo léxico na língua falada.

Os limites desta análise não nos permitem explicar todas as possibilidades lexicais que os falantes manifestam ao construírem um texto falado. Por essa razão, este trabalho baseia-se apenas num fragmento, de tipo Elocução Formal (EF), extraído do inquérito 338 do Projeto NURC/SP. Esse fragmento, abaixo transcrito, constitui parte de uma aula universitária, sobre Economia, que aborda o tema “Demanda de Moeda”.

- 1 Inf. (...) oferta de moeda... e nós vimos que existem dois
tipos de oferta de moeda... dois agentes que
oferecem... criam moeda... são... é o banco comercial
isto é os bancos comerciais e o Banco ... Central...
5 certo? o Banco Central de uma forma mais direta e os
bancos comerciais... através do mecanismo de
multiplicação... ao emprestarem os... éh:... o dinheiro
que os depositantes deixam no banco... bom hoje
então a gente vai começar... demanda de... moeda...
10 a gente quer saber agora... quais as razões que faz...
que fazem com que... ah... (estou) meio
preocupado (com o gravador) ((risos)) éh... faz
fazem... éh:... ah quais as razões que levam as
pessoas a... demandarem moeda a procurarem moeda
15 a guardarem moeda... a moeda como tal... o que...